

Eric John Ernest Hobsbawm (1917-2012)

*Adriano Luiz Duarte*¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Além da crença na razão e na diferença entre fato e ficção... o que busco é entendimento da história, não concordância, aprovação ou comiseração².

O trecho acima, escrito na apresentação do livro que anuncia sua biografia, demonstra com precisão tanto sua concepção de história quanto sugere a tarefa que cabe ao historiador. Os historiadores têm um compromisso com a verdade verificável (tal qual aconteceu ou foi interpretada), por mais difícil que seja se aproximar dela, tomando por base o mundo real, e não um subproduto retórico, imagético ou discursivo criado pelo exercício do ofício de investigação.



¹ Professor do Departamento de História da UFSC, pesquisador do CNPq.

² Hobsbawm, E. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo. Cia. Das Letras, 2002; p. 11-12.

O historiador não cria a realidade por ele estudada, embora possa distorcê-la e deformá-la com sua incompreensão ou inabilidade. Ou seja, a realidade ontológica do passado é um dado que nem as condições objetivas de investigação, nem as subjetividades do historiador podem alterar. Esse é:

O ponto do qual os historiadores devem partir, por mais longe dele que possam chegar, é a distinção fundamental, e para eles absolutamente central, entre fato comprovável e ficção, entre declarações históricas baseadas em evidências e sujeitas a evidenciação e aquelas que não o são... Nas últimas décadas, tornou-se moda, principalmente entre pessoas que se julgam de esquerda, negar que a realidade objetiva seja acessível, uma vez que o que chamamos de “fatos” apenas existem como uma função de conceitos e problemas prévios formulados em termos dos mesmos O passado que estudamos é só um constructo de nossas mentes. Esse constructo é, em princípio, tão válido quanto qualquer outro. Na medida em que constitui parte de um sistema de crenças emocionalmente fortes, não há, por assim dizer, nenhum modo de decidir, em princípio, se o relato bíblico da criação da terra é inferior ao proposto pelas ciências naturais: apenas são diferentes³.

Em resumo, não pode haver história sem a clara distinção entre o que é um fato verificável e o que não o é. Hobsbawm conclui o raciocínio com uma ironia: “qualquer leitor inocente que se encontrar no banco dos réus fará bem em recorrer a ela [a distinção]. São os advogados dos culpados que recorrem a linhas pós-modernas de defesa”⁴.

Eric John Ernest Hobsbawm nasceu em 1917 na cidade de Alexandria, no Egito, ainda parte do Império Britânico, de mãe austríaca e pai inglês, ambos judeus. Em 1919, a família mudou-se para Viena; e em 1933, depois da indicação de Adolf Hitler como chanceler do Reich, estabeleceu-se em Londres. Sobre esse período de formação, Hobsbawm escreveu:

Pertenço, talvez como um dos seus membros sobreviventes mais jovens, a um meio hoje virtualmente extinto, o da classe média judia da Europa central posterior à primeira guerra mundial.

³ Hobsbawm, E. *Sobre a história: ensaios*. São Paulo. Cia das Letras, 1998; p. 8.

⁴ Idem; p. 9.

Esse meio viveu sobre o triplo impacto do colapso do mundo burguês em 1914, da revolução de outubro e do antissemitismo... A primeira conversa política que recorro ocorreu quando eu tinha seis anos, em um hospital dos Alpes, entre duas senhoras judias do tipo maternal. Girava em torno de Trotsky (“Digam o que quiser, ele é um rapaz judeu chamado Bronstein”). O primeiro acontecimento político que, como tal me causou algum impacto, na idade de dez anos, foram as grandes desordens de 1927, quando os operários de Viena incendiaram o palácio da justiça. O segundo acontecimento político de que me recorro, à idade de treze anos, foram as eleições gerais alemãs de 1930, em que os nazistas conquistaram 107 cadeiras. Sabíamos o que isso significava⁵.

Qual a opção política que restava para um jovem intelectual judeu nessas circunstâncias, perguntou-se Hobsbawm: não havia a possibilidade de se tornar liberal, pois em todas as suas vertentes, era exatamente o mundo do liberalismo que estava desabando. Como judeu, ele estava impedido de dar seu apoio a partidos políticos de fidelidade confessional e, por razões óbvias, a qualquer tipo de nacionalismo que excluísse os judeus pois, no fundo, ambas eram antissemitas. Havia, portanto, duas possibilidades: numa perspectiva de nacionalismo de sangue e solo, tornar-se sionista; ou, numa perspectiva revolucionária, aderir ao marxismo:

Não havia absolutamente outra opção. Nós nos posicionamos contra a sociedade burguesa e o capitalismo, já que pareciam claramente estar agonizantes. Não fizemos isso mais do que optar por *um* futuro, ao invés de nos resignarmos a não ter *nenhum* futuro, e isso significava a revolução. Mas significava a revolução em um sentido positivo e não negativo: um mundo novo ao invés de absolutamente nenhum mundo⁶.

Hobsbawm é certamente um dos mais importantes historiadores marxistas do século 20. Seja pela abrangência dos seus temas de estudo, seja pela adesão ao marxismo ao longo de toda sua vida ativa. Suas pesquisas se concentraram nos séculos 19 e 20, mas seus interesses abrangem desde o século 17 até o 21.

⁵ Hobsbawm, E. Os intelectuais e a luta de classes. In: *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, 1982; p. 250.

⁶ Idem; p. 251.

Membro do Partido Comunista desde a adolescência, Hobsbawm recusou-se (com Maurice Dobb) a abandonar o Partido em 1956, depois da invasão da Hungria, quando grande parte dos intelectuais de esquerda, principalmente os membros do grupo de historiadores, rompeu com a legenda. Comenta-se que um terço dos afiliados abandonou o PC nessa ocasião. Seu principal argumento para permanecer no partido era a necessidade de que este fosse fortemente organizado a fim de ter uma ação política efetiva.

Sua obra se destaca pela dedicação continuada a um conjunto de temas: a classe operária; o campesinato; os “rebeldes primitivos”; o capitalismo e sua história global e os debates teóricos no campo da história e do pensamento de esquerda. Hobsbawm começou sua carreira como historiador do movimento operário. Como grande parte dos historiadores Britânicos de sua geração, foi fortemente influenciado pelos estudos de John e Barbara Hammond e suas pesquisas sobre o impacto das transformações da revolução industrial na vida do trabalhador comum da Inglaterra. Em seus estudos, essas transformações emergem como a expressão de uma época sombria, de uma era de exploração desenfreada, de miséria e degradação social e moral. Por isso, eles se tornaram a referência central da chamada “visão pessimista” na interpretação da revolução industrial, perspectiva da qual Hobsbawm e E. P. Thompson seriam os principais continuadores. Além dos Hammond, outra influência decisiva para toda a geração de historiadores ligados à esquerda, foram Beatrice e Sydney Webb, fundadores da *Fabian Society* e da *London School of Economics*. Eles foram os primeiros a se ocupar dos estudos acerca dos sindicatos e suas implicações com o movimento operário, bem como das diferentes vertentes políticas que o formavam. Entretanto, por mais inovadores que tenham sido os estudos dos Hammond e dos Webb, a maior crítica que se dirigiu a eles, no pós-guerra, foi a de que a história operária era excessivamente institucional, estritamente política e, exatamente por isso, um tanto elitista, pois se concentrava sobretudo na legislação e na ações das lideranças sindicais.

Foi nesse contexto de críticas que, nos anos 1960, Eric Hobsbawm tornou-se um dos membros fundadores do *Society for the study of Labour history*, cujo ponto de partida era a constatação de que havia poucos estudos sobre a classe operária enquanto tal, em contraste com as pesquisas sobre as organizações e os movimentos sindicais. Seu foco, portanto, era compreender a história da classe operária, não se limitando aos trabalhadores organizados ou aos sindicatos e seus líderes, mas estendendo suas análises para a vida fora dos locais de trabalho. Assim, o que emerge como seu foco de estudos são as experiências formativas das classes trabalhadoras, produzindo contribuições importantes para os debates sobre religião e o significado do metodismo; sobre do potencial revolucionário da classe trabalhadora da Inglaterra no século 19;

abordando o “nível de vida” durante a revolução industrial; e acerca do problema da aristocracia operária e da conseqüente estabilidade política e social no período Vitoriano. No conjunto, seus estudos sobre a classe operária contribuíram decisivamente para uma renovação radical desse campo de estudos. Mas de modo algum, essa renovação significou o abandono da preocupação institucional; como marxista, Hobsbawm sempre considerou história como totalidade, aos historiadores cabe lembrar o que os outros esquecem e, principalmente, o que os outros querem esquecer:

A história de qualquer classe não pode ser escrita se a isolarmos de outras classes, dos Estados, instituições e ideias que fornecem sua estrutura, de sua herança histórica e, obviamente, das transformações das economias que requerem o trabalho assalariado industrial e que, portanto, criaram e transformaram as classes que o executam⁷.

O interesse de Eric Hobsbawm, contudo, não se limitou os estudos da classe operária urbana. Junto com Rodney Hilton, ele foi redator do *Journal of Peasant Studies* e contribuiu de forma importante para os estudos dos movimentos sociais agrários no processo de constituição da sociedade capitalista, os chamados “rebeldes primitivos”, expressão que se refere ao fato de que esses movimentos:

Ainda não encontraram, ou apenas começaram a encontrar, uma linguagem específica para expressar suas aspirações sobre o mundo. Embora seus movimentos sejam, sob muitos aspectos, cegos e tateantes, se comparados aos movimentos modernos, não são, porém marginais ou destituídos de importância... palavras como “primitivo” e “arcaico” não devem, porém, nos iludir... pois pertencem ao mundo que há muito conhece o Estado... distinções de classe e exploração pelos latifundiários e comerciantes⁸.

Harvey Kaye sugeriu que o interesse de Hobsbawm pelo campesinato, no imediato pós-guerra, pode ser atribuído aos planos de ampliação dos estudos da classe operária urbana⁹. O que parecia crucial, naquele contexto,

⁷ Hobsbawm, E. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre História Operária*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987; p. 13.

⁸ Hobsbawm, E. *Rebeldes primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro. Zahar editores, 1978; p. 12.

⁹ Kaye, H. *Los historiadores marxistas británicos: un análisis introductorio*. Zaragoza. Universidad de Zaragoza, 1989; p. 135.

era compreender as “formas arcaicas” do movimento social: o milenarismo; o bandoleirismo; as sociedades secretas; os tumultos e motins pré-industriais; etc., porque eles eram a chave para a compreensão dos tortuosos caminhos que constituíram o moderno movimento operário. A novidade na sua abordagem, contudo, estava no recorte e no enquadramento desses movimentos. De modo geral, costumava-se estudar os movimentos agrários da antiguidade ou da Idade Média sob o epíteto de “pré-capitalista”. Hobsbawm, ao contrário, orientou sua análise para os chamados “movimentos sociais modernos”; ou seja, para o contexto das Revoluções Francesa e Industrial. Desse modo, ele buscava problematizar as experiências daqueles que não nasceram sob a égide do mundo capitalista, mas que se confrontaram com o seu nascimento.

Além disso, é preciso considerar que estes estudos se desenvolveram no contexto das denúncias do 20 Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956, e o início do processo de desestalinização. Talvez por isso, Hobsbawm tenha classificado esses estudos como “políticos, mais do que históricos”¹⁰. Problematizando o que chamou os “rebeldes primitivos”, ele se indagava em que medida as bases da atividade revolucionária, centradas num partido fortemente organizado e hierarquizado, ainda continuavam válidas. Lembremos aqui que essa indagação não era meramente teórica; problematizar essa questão era, evidentemente, colocar em foco sua própria adesão ao PC Britânico, em um momento de crise aguda em seus quadros. E sua resposta foi sim: o partido continuava fundamental como momento da passagem da “classe em si para a classe para si”, para a formação de uma consciência que transformasse as reivindicações meramente econômicas em consciência política, no sentido forte do termo. Todavia, ele também se perguntou: ainda era possível acreditar num único caminho, negligenciando outros, para a transformação revolucionária da sociedade? A essa questão, sua resposta foi não¹¹.

É possível dizer, portanto, que a principal contribuição de Hobsbawm, com os estudos dos camponeses e “rebeldes primitivos”, foi negar que esses “movimentos primitivos” devessem ser interpretados como não políticos ou apolíticos. Mesmo que não apresentassem programas ordenados, plataformas claras ou comitês organizados, nem se dirigissem à tomada do poder do Estado, ele insistia na dimensão política desses movimentos. Onde outros viram apenas atividade criminosa, banditismo social e histeria religiosa, Hobsbawm mostrou ação política, razão e formação de experiência coletiva, apontando para alternativas concretas à crescente força da economia de mercado.

¹⁰ Letter from Eric Hobsbawm to Harvey Kaye, 13 de março de 1983. In: Harvey Kaye, Op. Cit. p. 136.

¹¹ Interview with Eric Hobsbawm. In: H. Abelove. *Visions of History interview with radical historians*. MARHO – The radical historians organization. p. 27-46. New York. Pantheon Books, 1983.

Uma característica fundamental nos estudos de Eric Hobsbawm sobre a história do trabalho, em geral, e sobre o campesinato, em particular, é que as relações e experiências, que ele problematiza, nunca são examinadas isoladamente. Seus estudos sempre remetem à totalidade das experiências de classe, como parte do desenvolvimento do capitalismo mundial, numa refinada conformação interativa entre os aspectos locais (em que cultura, política, economia e sociedade são inseparáveis) e os globais. Dessa perspectiva surge seu projeto de escrever a história mundial do século 19, escrutinando o desenvolvimento do mundo moderno. É nesse contexto que emergem as suas obras possivelmente mais conhecidas: “Era das revoluções”, “Era do Capital”, “Era dos Impérios”, publicados respectivamente em 1962, 1975 e 1987. As “Eras” dialogam diretamente com a “teoria da modernização”, o paradigma explicativo dominante nos anos 1960, segundo o qual o crescimento da população, a industrialização da economia e a modernização do Estado se transformavam nos propulsores das mudanças históricas da sociedade capitalista. Assim, o longo processo da chamada revolução industrial, iniciado em meados do século 17 e “concluído” em meados do século 18, era percebido pelos defensores da teoria como um processo de libertação, no qual as forças racionais conectadas à modernidade se adaptam, e as irracionais (leia-se, os movimentos de resistência embasados na tradição da vida comunitária) resistem, por meio de movimentos fadados ao fracasso. Ou seja, com a chamada “teoria da modernidade”, o que desaparece (ou melhor, o que aparece como irracionalidade) é o longo processo histórico de exploração e domínio da economia de mercado sobre a “economia moral”, e como ela a feroz luta de classes na implantação do modo capitalista de vida. Num certo sentido, a modernidade capitalista emerge como inevitável, mais do que isso, como necessário, pois se mostra de acordo com o “sentido da história”. O que as “Eras” nos oferecem é uma contestação contundente dessa perspectiva fatalista, apresentando um quadro complexo, que problematiza a formação das sociedades europeias, e do mundo alcançado pelo seu imperialismo, em termos de conflitos determinados e estruturados pelas classes em luta.

O que unifica os chamados “historiadores marxistas britânicos” (Maurice Dobb, Rodney Hilton, Christopher Hill, Edward Thompson, para citar os mais conhecidos entre nós) é, certamente, a teoria da determinação de classe: ou seja, a concepção de que a luta de classes é o núcleo central do processo histórico: cultura, economia, política e sociedade só podem ser compreendidas como partes inextricáveis do todo social, no qual nenhuma delas têm prioridade ontológica. A obra de Eric Hobsbawm sempre reafirmou esse eixo central. Mas é certo também que, de todos os seus companheiros do grupo de historiadores do Partido Comunista, ele foi o mais renitente em rechaçar o modelo base/superestrutura em suas análises históricas. Apesar disso, sua contribuição para a compreensão da teoria da determinação de classe foi fundamental,

por isso compartilhou com eles a perspectiva de uma “história a partir de baixo”, cujo desdobramento não apenas abriu novas áreas de estudos, como transformou radicalmente áreas antigas. Talvez se possa pensar que a sua continuada adesão ao modelo explique, ao menos em parte, o fato de que ele nunca tenha produzido os sofisticados achados teóricos, sob a formação de classe estabelecidos, por exemplo, por E.P. Thompson – que recusou com veemência o modelo, inclusive como simples metáfora –, nem tenha mostrado a sensibilidade para as ideias e os movimentos populares apontadas, por exemplo, por Christopher Hill – que também recusou o modelo. O apego a esse modelo teórico, bem como sua recusa em abandonar o Partido Comunista, por ocasião da desestalinização, certamente contribuíram para consolidar sua imagem (percepção equivocada, frise-se), como de um marxista ortodoxo. No entanto, é bem possível que aqui esteja a chave para o peso que ele atribui ao partido fortemente organizado e à sua liderança intelectual em suas análises do movimento operário e dos rebeldes primitivos.

Atualmente, a história social da classe trabalhadora se ampliou para os estudos das mulheres, de gênero, da família, da vida comunitária, da cultura política, da cultura de classe, dos modos de organização e luta, das mudanças técnicas e econômicas no chão do trabalho, do lazer, das relações de vizinhança etc., e caminha a passos largos para uma história transnacional que, sem negar as peculiaridades nacionais, seja capaz de elucidar os laços e nexos globais do mundo do trabalho. Certamente, muito da ampliação desses campos de estudo se deve às bases teóricas e metodológicas estabelecidas ou aprimoradas por Eric Hobsbawm. A tradição de crítica ativa e de compromisso político com a tradição marxista sem dúvida perdeu uma de suas referências centrais do século 20.